



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS E AGRÁRIAS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO - DE
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
CAMPUS III - BANANEIRAS-PB**

AMANDA TAVARES DA SILVA

**TURISMO E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL EM BANANEIRAS POR
MEIO DA PRODUÇÃO DE UMA CARTILHA PEDAGÓGICA**

BANANEIRAS- PB

2022

AMANDA TAVARES DA SILVA

**TURISMO E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL EM BANANEIRAS POR
MEIO DA PRODUÇÃO DE UMA CARTILHA PEDAGÓGICA**

Artigo apresentado ao Departamento de Educação da Universidade Federal da Paraíba – Campus III, para obtenção do Grau de Licenciatura em Pedagogia, tendo como orientadora a Professora Dra. Vivian Galdino de Andrade.

BANANEIRAS- PB

2022

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586t Silva, Amanda Tavares da.

Turismo e educação patrimonial em bananeiras por meio da produção de uma cartilha pedagógica / Amanda Tavares da Silva. - João Pessoa, 2022.
23 f. : il.

Orientação: Vivian Galdino de Andrade.
TCC (Graduação) - UFPB/CCHSA.

1. Educação Patrimonial. 2. Turismo Pedagógico. 3. Bananeiras/PB. I. Andrade, Vivian Galdino de Andrade. II. Título.

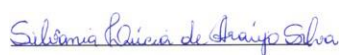
UFPB/CCHSA-BANANEIRAS

CDU 37

COMISSÃO EXAMINADORA

Vivian Galdino de Andrade
SIAPE 18187770
DE/CCHSA/UFPB

Prof^a. Dr^a Vivian Galdino de Andrade
Orientadora



Prof^a. Dr^a Silvana Lúcia de Araújo Silva
Examinadora



Prof^a. Dr^a Helen Halinne Rodrigues de Lucena
Examinadora

Artigo orientado pela Profa. Dra. Vivian Galdino de Andrade. Submetido e Aprovado ao Curso de Pedagogia no dia 21 de junho de 2022.

BANANEIRAS – PB**2022**

TURISMO E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL EM BANANEIRAS POR MEIO DA PRODUÇÃO DE UMA CARTILHA PEDAGÓGICA

Amanda Tavares da Silva¹

RESUMO

Promover a discussão da prática de Educação Patrimonial em cidades com intensa atividade turística tem sido foco de inúmeras ações veementemente articuladas pelas instituições de proteção do patrimônio histórico, como o Instituto do Patrimônio Histórico e Artísticos Nacional – IPHAN. Apesar de constituir um grande desafio, essas instituições têm desenvolvido inúmeros materiais didáticos de apoio e promoção de uma consciência preservacionista, a partir de cartilhas que gestam, por meio de um trabalho pedagógico, um processo de alfabetização cultural. Neste artigo, objetivamos discutir a educação patrimonial de Bananeiras/PB por meio de uma cartilha voltada ao turismo pedagógico na cidade. Confeccionada sob os princípios metodológicos da educação patrimonial, esse material se direciona ao público de turistas, estando à serviço da Casa do Turista, situada no município. Nela, orientamos um roteiro de visita de patrimônios históricos, pontos turísticos que compõem a cidade e rememoram sua história. Para tanto, fundamentamo-nos teoricamente em autores como Marcia Conceição Arévalo para discutir lugares de memória, Evelina Grunberg para refletir sobre educação patrimonial e Marília Gomes Ansarah para debater turismo pedagógico. Ao final deste trabalho, acreditamos ter contribuído com a produção de um material didático que colabore com uma nova experiência de fazer turismo em Bananeiras/PB, atrelada à concepção de conhecimento e preservação do patrimônio histórico da cidade.

Palavras - Chave: Educação Patrimonial; Turismo Pedagógico; Bananeiras/PB.

1 Introduzindo a temática e detalhando os passos de produção da pesquisa

Bananeiras, cenário de nossa pesquisa, fica localizada no Brejo Paraibano, a 136 km de João Pessoa, 70 km de Campina Grande e 147 km de Natal, sendo ela uma mistura de histórias, lendas, fatos e tradições. Detentora, no início do século XX, de uma grande extensão territorial, Bananeiras contava com cinco distritos: Solânea, Borborema, Dona Inês, Tabuleiro e Vila Maia. Por meio da emancipação das cidades (tirar os dois pontos) de Solânea (em 26 de novembro 1953), Borborema (12 de novembro 1959) e Dona Inês (em 17 de novembro 1959), a cidade conta hoje com apenas Vila Maia, Roma e Tabuleiro.

Conhecida na historiografia paraibana por ter sido a maior produtora de café da Paraíba e a segunda do Nordeste, a cidade até hoje se destaca pelos casarios que rememoram o

¹ Graduanda em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal da Paraíba- CCHSA/Campus III- Bananeiras / Paraíba. Turma 2017.2. E-mail: amanda.tavares@academico.ufpb.br.

ciclo deste produto no estado. O patrimônio arquitetônico do município está composto por mais de 80 (oitenta) edificações catalogadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba – (IPHAEP), que conferiu ao centro histórico de Bananeiras o tombamento no ano de 2010, segundo Decreto Municipal Nº 31.842, de 03 de dezembro de 2010.

A economia do município de Bananeiras é focada na agricultura e na pequena pecuária. Nos dias atuais, a cidade vem se revelando com intensa vocação para o turismo, é o que confirma a Lei Estadual Nº 12.082/2021, que classifica Bananeiras como um “Município de Interesse Turístico da Paraíba”. Somado a seu casario, a cidade conta ainda com as riquezas na área do artesanato, através da confecção de produtos em madeira, bambu, cabaças e derivados da bananeira (como os doces caseiros e a famosa peteca²), bem como pelas atividades manuais com o crochê, fuxico e bordados. A folha da bananeira, matéria-prima muito utilizada, é protagonista nessas produções, estando o papel da folha da bananeira proveniente, especificamente, do distrito de Vila Maia; e o tear manual advindo do Distrito do Tabuleiro.

No quesito turismo ecológico, a cidade conta com uma área de preservação ambiental, Área de Relevante Interesse Ecológico de Goiamunduba – (ARIE), situada na zona rural. Composta por 100 hectares de matas nativas do Cumbre, da Bica e Boqueirão, nela, existem árvores que já foram extintas em outros redutos da Mata Atlântica, além dos “olhos d’água” perenes, de boa potabilidade. No centro da Mata da Bica é formada a “Lagoa do Encanto” que nasce na “Fonte da Juventude”.

Rica em vários pontos turísticos (no que se refere às características históricas e ecológicas), Bananeiras ainda conta com um período festivo de São João, que acontece no mês de junho. As atividades constitutivas desse período deram ensejo à criação da “Casa do Turista”, espaço inaugurado em 2005, no primeiro ano de mandato de Marta Ramalho (2005 a 2008, reeleita para os anos de 2008 a 2012). Como uma ação da Secretaria de Cultura e Turismo da época, a ideia partiu da então secretária Ana Gondim, com o objetivo de acolher e dar informações turísticas sobre o município, além de propiciar um local de apoio e venda dos itens de artesanato.

Diante desse contexto, foi que vimos a necessidade de sensibilizar os sujeitos da cidade para o conhecimento do que constitui sua identidade sociocultural, ao mesmo tempo em que podemos divulgar para os turistas as histórias que cercam esse município estimulando a preservação de seus traços culturais. Para tanto, propomos neste trabalho discutir o patrimônio

² É feita a partir da fritura de uma massa a base de banana, trigo, leite e ovos, polvilhada com açúcar e canela. Ainda pode ser degustada com sorvetes e mel de engenho. A Lei Municipal Nº 771, de 26 de outubro de 2017, estabelece a peteca como Patrimônio cultural e imaterial do município de Bananeiras.

local por meio do “turismo pedagógico”, a partir da produção de uma Cartilha que possa se tornar material educativo a ser utilizado em espaços formais e não formais, como a Casa do Turista de Bananeiras.

O trabalhar com a educação patrimonial como foco de pesquisa aconteceu durante nosso processo formativo no ano de 2019, quando, vinculados ao Grupo de Pesquisa História da Educação do Brejo Paraibano – (HEBP),³ passamos a confeccionar materiais didáticos para o debate da história local. Nessas experiências, o interesse em historicizar os espaços de memória do município de Bananeiras afloraram, a ponto de relacionarmos esse escopo ao tema do turismo pedagógico, discutindo-os como pontos turísticos a serem melhor conhecidos por meio de Cartilha, produto deste trabalho de conclusão de curso.

Estudar o “turismo pedagógico” é aliar a História à Pedagogia, áreas que fazem parte de nossa formação acadêmica. A Educação Patrimonial (EP) é o elo teórico-metodológico que articula essas duas grandes ciências, uma metodologia interdisciplinar que trabalha sistematicamente com o processo educacional centrado no Patrimônio Cultural (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 1999). Nesse trabalho, o turismo pedagógico se coloca como ferramenta de educação patrimonial, visto que ele traz...

[...] como objetivo fazer com que o aluno/turista tenha contato com a natureza (num conteúdo como, por exemplo, o estudo do espaço), de vivenciar e conhecer lugares novos (conteúdos de sociologia, antropologia) e, principalmente, inserir nos alunos a conscientização dos docentes acerca de problemas socioculturais e ambientais em que vivem muitas comunidades e promover valores construtivos (ANSARAH, 2001, p. 294).

Por meio desta ferramenta, será possível direcionar os sujeitos habitantes da cidade e visitantes a um processo de alfabetização cultural (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 1999) que auxilia no despertar de um olhar sensível sobre a história, a memória e a identidade social, possibilitando traços de identificação e afetividade com a história que compõe a memória arquitetônica da cidade.

Cientes que um/a pedagogo/a deve buscar trabalhar de forma autêntica e lúdica as mais diferentes áreas do fazer pedagógico, nosso interesse surgiu ao nos atentarmos para o turismo predatório que vem crescendo vertiginosamente em Bananeiras, e na falta de políticas e orientações que possam estar educando o olhar e a postura dos turistas, quando visitam os

³ Registrado no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPQ, conforme endereço: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/9244025594549006>.

espaços de memória. Nesse tipo de turismo “selvagem, os lugares afetivos e de memória da comunidade local são reconfigurados como objetos de comuns, sofrendo danos pelo interesse comercial que lhes é aplicado”. Para Arévalo (2005, p.4), os lugares de memória são “meios de acesso da sociedade a sua memória formadora, organizadora e portadora de sentidos”, instituições e espaços de sociabilidade que despertam sentido e afetividade na comunidade onde se situam.

Para estudar tais espaços, metodologicamente, a Educação Patrimonial guiou nossos passos. Por meio dela, temos acesso às histórias e memórias de um povo, de seus costumes e crenças, de sua herança cultural. Este rememorar leva a “[...] um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de uma herança cultural” (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 1999, p.3). Diante de seus princípios, caminhamos pelos seguintes trajetos nessa pesquisa: 1. Mapeamento dos principais pontos turísticos, patrimônios culturais da cidade; 2. Produção de conteúdo que assinalem suas histórias e 3. Confecção de uma Cartilha, material didático que possa auxiliar a promoção de um turismo pedagógico em Bananeiras.

Nesse contexto, para nortear nossa pesquisa apontamos como objetivo geral, discutir o patrimônio local por meio do “turismo pedagógico”, a partir da produção de uma Cartilha que possa se tornar material educativo a ser utilizado em espaços formais e não formais, como a Casa do Turista de Bananeiras⁴. Nosso percurso metodológico parte de três etapas: 1. Mapeamento dos lugares de memória anunciados como pontos turísticos de Bananeiras; 2. Mapeamento de folders e demais fontes, utilizadas pela Casa do Turista de Bananeiras, para guiar os visitantes no roteiro turístico da cidade; 3. Produção de uma cartilha que viabilize o turismo pedagógico no município. Com essas orientações, convidamos você caro leitor/turista a embarcar nessa viagem conosco, (re)conhecendo o patrimônio histórico e cultural de Bananeiras como pontos turísticos a serem apreciados.

As cartilhas pedagógicas se transformaram em materiais didáticos desde o início do séc. XIX. Por meio delas é possível desenvolver um processo de conhecimento que provoque situações de aprendizado nos indivíduos, é o que tem proporcionado as diversas produções nesta área elaboradas pelo IPHAN⁵ que, uma vez muito bem exploradas e articuladas, debatem temáticas importantes para a educação patrimonial. A nossa cartilha foi intitulada como “Montando seu Roteiro de Visitação” (2022), produzida em um formato digital a ser entregue

⁴ Tomamos o roteiro turístico como um itinerário, um planejamento prévio de lugares a serem visitados. Apesar de se constituir inicialmente como uma fonte escrita, ele trata de experiências e práticas possíveis de serem vivenciadas.

⁵ Cartilhas produzidas pelo IPHAN disponível para acesso: <http://portal.iphan.gov.br/publicacoes/lista?categoria=30&busca=&pagina=5>. Acesso maio de 2022

na Casa do Turista de Bananeiras. Ela também está situada no Repositório Digital história da Educação de Bananeiras⁶, um acervo digital sitiado na página da Universidade Federal da Paraíba, campus III.

A escolha por essa modalidade se deu pela facilidade técnica, uma vez que foi confeccionada por meio do aplicativo *Canva*. Ela possui uma linguagem simples e de fácil compreensão, e seu designer conta com imagens dos patrimônios edificados da cidade, postos como lugares de memória de maior visitação no município.

2 Pensando teoricamente o Patrimônio em Bananeiras

Riscos, traços, edificações, fragmentos de um passado vivido que se deseja lembrado. Assim, iniciamos essa trajetória teórica sobre o patrimônio histórico edificado. O Instituto do Patrimônio Histórico, Artístico e Nacional – (IPHAN), define patrimônio como “todos os bens, materiais e imateriais, naturais ou construídos, que uma pessoa ou um povo possui ou consegue acumular⁷”. Esse órgão nacional rege, preserva e fiscaliza os bens materiais do Brasil.

Neste certame, é necessário saber que a concepção de patrimônio perpassa diversas dimensões, podendo ser “material” (bens concretos) e imaterial (bens culturais). O **patrimônio material** está composto por um conjunto de bens culturais, classificados segundo sua natureza em quatro livros de tombo, são eles: 1. arqueológico, paisagístico e etnográfico; 2. histórico; 3. belas artes; e 4. artes aplicadas. O tombamento é um ato realizado pelo IPHAN com vistas a resguardar os bens de valor histórico e cultural, que podem ser desde “cidades históricas, sítios arqueológicos e paisagísticos” (denominados de “bens imóveis”) às “coleções arqueológicas” e acervos variados, como documentos, pinturas, fotografias (denominadas como “bens móveis”). Quando falamos de patrimônio no cenário de Bananeiras, focamos especificamente nos bens imóveis, como os casarões e lugares de memória.

Já os **patrimônios de natureza imaterial** contemplam as práticas culturais e cotidianas, os saberes e as artes de fazer, expressões de uma vida social que se tornam marcas identitárias de uma memória. Coloca o IPHAN, como exemplos desse tipo de patrimônio, as “celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas⁸”. Em Bananeiras, são concebidos como patrimônios imateriais a arte de cozinhar determinados pratos com a banana (como a

⁶ Acesse a cartilha no seguinte endereço eletrônico: <http://www.cchsa.ufpb.br/heb/contents/menu/acervos-digitais/recursos-didaticos-1>

⁷ Citação presente no seguinte endereço eletrônico: < <http://portal.iphan.gov.br/>>. Acesso em 07 de abril de 2022.

⁸ Citação presente no seguinte endereço eletrônico: < <http://portal.iphan.gov.br/>>. Acesso em 07 de abril de 2022.

Peteca), a Festa de Reis, popularmente conhecida como uma festa religiosa que acontece no município todo mês de janeiro, é o que assinala a Lei Estadual Nº 11.578/2019, e a Dança do Lesou⁹, uma manifestação da tradição popular da cidade, pouco conhecida e disseminada, cuja origem é creditada aos antigos moradores que habitavam a zona rural de Bananeiras.

No que tange ao **patrimônio ambiental**, Bananeiras ainda possui os sítios arqueológicos de Umari (trata-se de um sítio de arte rupestre valioso, filiado à tradição Itacoatiara (gravuras sobre a rocha)), Pedra Preta (sítio de difícil acesso, localizado na propriedade de José Graciano, a 10km de Bananeiras) e Gruta dos Morcegos (único sítio da tradição agreste e, de certa forma, também de tradição geométrica (quase inexistência de representação figurativa), localizado no sítio Roma de Baixo), sítios rupestres pré-históricos que infelizmente não se encontram protegidos por nenhuma legislação nacional e estadual.

Essas concepções de patrimônio apontam os traços culturais e históricos de um lugar, elementos de uma identidade e de uma memória social de um grupo. Em Bananeiras, a Lei Municipal Nº 152/99, estabelece a proteção do patrimônio cultural do município, sendo amparada pela Constituição Federal de 1988, que, em seu artigo 216º, cita

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: I - as formas de expressão; II - os modos de criar, fazer e viver; III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (BRASIL, 1988, p. 127).

Aliado ao que prevê a constituição, órgãos como o IPHAN (responsável pelo zelo e gestão do Patrimônio Cultural Brasileiro) e o IPHAEP (que no contexto estadual protege o patrimônio do estado da Paraíba) são acionados para a gestão e proteção do patrimônio. Ao falar de patrimônio arquitetônico e sua relação com o turismo, lembramos que João Pessoa – PB conta com

A Casa do Patrimônio da Paraíba é um projeto da superintendência do IPHAN-PB que surgiu em 2009 a partir de uma parceria com a Coordenadoria do Patrimônio Cultural (COPAC) de João Pessoa-PB. Seu objetivo é desenvolver ações de Educação Patrimonial no Estado. Fundamenta-se no pressuposto de que as experiências de educação são eficazes quando são constantes, expressivas, transformadoras e multidisciplinares. Desde sua criação a Casa tem desempenhado um importante trabalho na promoção do conhecimento da cidade e seu Patrimônio Cultural. Entre

⁹ Até o término desta pesquisa o tombamento da Dança do Lesou como Patrimônio Histórico de Bananeiras está em vias de conclusão na Câmara Municipal.

suas prioridades está o desenvolvimento de atividades que fortaleça o vínculo entre a comunidade e seu patrimônio através do diálogo com as comunidades, Educação Patrimonial nas escolas, exposições, formação de professores e publicações de materiais pedagógicos (CARVALHO, 2015, p.1).

O mesmo não acontece com a cidade de Bananeiras, que vem enfrentando problemas com o turismo desenfreado¹⁰, sem regulações que protejam seu patrimônio histórico e ambiental. Daí a importância de atividades em torno da Educação Patrimonial, que desenvolvam trabalhos de preservação cultural e histórica na cidade, já que é justamente esse patrimônio que tem atraído turistas todos os anos para o município.

3 A Educação Patrimonial (EP) e o Turismo Pedagógico: potencializando o debate educativo em Bananeiras

A Educação Patrimonial, como uma metodologia aplicada em trabalhos educacionais, foi introduzida pela museóloga Maria de Lourdes Parreiras Horta a pouco menos de trinta anos, precisamente em 1983, por ocasião do 1º Seminário sobre o Uso Educacional de Museus e Monumentos, organizado pelo Museu Imperial, em Petrópolis, no Rio de Janeiro (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 1999, p.5).

Sendo um termo que surgiu na Inglaterra com o nome de *heritage education* (educação para o patrimônio), constitui-se como uma prática metodológica em torno dos patrimônios e que, no Brasil, tem sido incentivada desde os anos de 1937 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN.

A Educação Patrimonial é pelo IPHAN discutida como todos os processos educativos formais e não formais que têm como foco o patrimônio cultural, apropriado socialmente como recurso para a compreensão sócio-histórica das referências culturais em todas as suas manifestações, a fim de colaborar para seu reconhecimento, sua valorização e preservação. Considera-se, ainda, que os processos educativos devem primar pela construção coletiva e democrática do conhecimento, por meio da participação efetiva das comunidades detentoras e produtoras das referências culturais, onde convivem diversas noções de patrimônio cultural. É por meio

[...] da educação patrimonial, que se busca sensibilizar as comunidades sobre a importância de preservar a sua memória; mais que isso, busca-se gerar uma reflexão sobre as memórias dos diferentes grupos sociais, de modo que se perceba que patrimônio não é somente o monumento belo e notável que fala do passado de algumas

¹⁰ Confira notícia jornalística sobre isso em: <https://www.clickpb.com.br/paraiba/casa-de-show-desmatamento-e-construcao-ilegal-abre-espaco-para-emprego-clandestino-em-bananeiras-328386.html>. Acesso em 23 de maio de 2022.

elites, mas que patrimônio é, outrossim, todo símbolo de memória coletiva (CERQUEIRA, 2005, p. 100).

Diante dessa abordagem, é necessária a promoção de uma ação pedagógica que direcione os indivíduos a compreensão desses princípios, alertando para a preservação e o conhecimento sobre o patrimônio como elementos de uma identidade cultural. Por isso, ressalta-se a importância da Educação Patrimonial como prática educativa também a ser incluída nos currículos escolares, levando à comunidade em geral ao registro e preservação do Patrimônio Histórico.

A metodologia da Educação Patrimonial procura resgatar a memória e estimular a relação de afeto entre os indivíduos, a comunidade e seus patrimônios, estabelecendo entre eles um processo de aproximação, de respeito, ao promover um sentimento de reconhecimento e pertencimento em relação aos bens patrimoniais que fazem parte de sua história. Segundo Horta, Grunberg e Monteiro (1999, p. 5), “a educação patrimonial é um instrumento de ‘alfabetização cultural’ que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido”.

Assim, a educação patrimonial contribui para a formação de cidadãos moradores e visitantes conscientes e participativos, agentes de uma história local que têm a possibilidade de ampliar seus conhecimentos e se engajar em uma postura mais ativa e responsável. Ao lançar mão de diversas ferramentas didáticas como jogos, cartilhas, inventários, nós educadores fazemos uso de estratégia interdisciplinar que pode atuar em espaços formais (currículo) e não formais (por meio de projetos sociais). Nesse contexto, tomamos a Cartilha pedagógica por nós confeccionada como uma ferramenta de educação patrimonial em Bananeiras, cidade turística que ainda tem desconsiderado a potencialidade educativa de seus pontos turísticos.

O papel do turismo na formação do espaço é importantíssimo posto que ele se expande pelo mundo como uma estratégia econômica promissora, mas também de valorização e pertencimento local. Conforme Ansarah (2001), o turismo cria, transforma e valoriza espaços diferentemente de outras atividades, uma vez que pode incorporar valor à determinadas localidades, despertando renda e possibilidades de trabalho. Nesta vertente, o turismo pedagógico é um segmento turístico relativamente recente no Brasil, que busca educar o olhar e sensibilizar os sujeitos por meio do conhecimento vinculado a um lugar. Essa atividade é classificada pelo

[...] despertar do interesse do aluno para o novo conhecimento, pelo local, pelos usos e costumes da população. Afinal, é por intermédio do querer saber mais, da percepção, que o ser humano desenvolve seu senso analítico crítico e a vontade de conhecer mais

a respeito de determinado assunto, enfim de pesquisar. Trata-se de uma atividade extraclasse, organizada pelas escolas com colaboração de empresas especializadas, e vivenciadas pelos alunos como forma de complemento de um conhecimento abordado em sala de aula, envolvendo deslocamentos e/ou viagens de maneira prazerosa (ANSARAH, 2001, p. 294).

Juntamente com o Turismo Pedagógico¹¹, são também segmentos turísticos, o Turismo Social, Turismo Rural, Agroturismo, Ecoturismo, entre outros. Essas categorizações que existem dentro da área do turismo nos fazem entender quão diversificada pode ser essa prática, tendo um potencial educativo significativo para a promoção da cidadania.

O ‘Turismo Social’ é destinado a facilitar o acesso a viagens para população com menor poder aquisitivo, dentro de uma proposta muito mais ampla e holística ele atende a grupos desfavorecidos da sociedade, contribuindo para uma transformação social e inclusiva. O ‘Turismo Rural’, por sua vez, é uma modalidade que promove um contato mais direto e genuíno com a natureza, trazendo como pontos atrativos a agricultura e as tradições locais. O ‘Agroturismo’, também praticado no meio rural, traz em suas rotas atividades agropecuárias, valorizando e respeitando o meio ambiente e a cultura local. Não diferentemente dele está o ‘Ecoturismo’¹², também conhecido como turismo ecológico, um tipo de “segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentivando sua conservação e buscando a formação de uma consciência ambientalista por meio da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações” (SPAOLONSE, MARTINS, 2017, p.684).

Em Bananeiras, nosso campo de pesquisa, há a difusão dessas atividades turísticas, destacando com mais ênfase o Turismo Histórico e o Ecoturismo, devido a seus casarios, a sua geografia e as matas ainda preservadas. Cada um desse segmento propõe um novo olhar sobre os prédios, localidades e elementos culturais, reafirmando a memória social e a necessidade de valorização dos elementos regionais e locais. Ao verificar a ausência de roteiros turísticos¹³, dentro da perspectiva do turismo pedagógico, no município, constatamos a viabilidade desse trabalho de pesquisa, que se aventurou por produzir uma cartilha de auxílio à visita de pontos

¹¹ Para se aprofundar ainda mais nesse tema consulte o artigo, “Discutindo a valorização da prática de Educação Patrimonial e de Turismo Pedagógico em Bananeiras”, de autoria de “Rita Cristiana Barbosa e Ingridy Sualane do Amaral”, disponível na Coletânea Retalhos de Experiências: Diferentes Lugares e Olhares em Pesquisa Educacional. Confira em:

<http://www.editora.ufpb.br/sistema/press5/index.php/UFPB/catalog/download/572/963/8734-1?inline=1>.

¹² Para ler mais sobre o Ecoturismo, leia a reportagem, pelo acesso: <https://oeco.org.br/dicionario-ambiental/28936-o-que-e-ecoturismo>.

¹³ Para se aprofundar ainda mais no tema turismo em Bananeiras, consulte a monografia “Turismo em Bananeiras: Análise do potencial turístico do município de Bananeiras/PB”, de autoria de Érgio Reis Neves da Silva. Disponível: <https://www.webartigos.com/artigos/turismo-em-bananeiras-analise-do-potencial-turistico-no-municipio-de-bananeiras-pb/55411>.

turísticos dentro de uma abordagem educativa.

Em Bananeiras existe pesquisa de cunho descritiva¹⁴ e de abordagem qualitativa que teve como objetivo conhecer as concepções de docentes sobre educação patrimonial e turismo pedagógico, buscando analisar como promovem práticas acerca das referidas temáticas para o desenvolvimento dos conteúdos e ampliação dos conhecimentos no decorrer das aulas, buscando analisar qualitativamente dados obtidos sobre o olhar de cada professor, cuja visão busca ser aperfeiçoado por alguns e ignorados por outro.

Partimos do pressuposto de que o Patrimônio e o Turismo Pedagógico são temas fundamentais para o desenvolvimento dos processos de ensino e aprendizagem, dentro e fora dos espaços educacionais. Por meio dessas abordagens é possível ampliar os olhares para fora do espaço escolar, com princípios da educação patrimonial e da pedagogia de Célestin Freinet (2004), que valoriza a promoção humana, a liberdade de escolha, a alegria de viver e a possibilidade de sonhar, colaborando para aproximar o alunado da realidade e despertando a consciência em relação ao meio em que vivem (NOVA ESCOLA, 2008).

4 “Uma Cartilha Pedagógica” e a educação patrimonial em Bananeiras

As cartilhas são materiais didáticos existentes na História da Educação desde o séc. XIX, sendo um material utilizado para o auxílio no ensino e na aprendizagem de conteúdos propostos. Instrumentos pedagógicos atrativos, as cartilhas motivam o interesse e estimulam a dinâmica colaborativa entre os indivíduos em diversos contextos. Alves (2012) aponta as cartilhas como um recurso educacional, didático ou de aprendizagem, assim como os livros, revistas, jornais, animações, brinquedos, jogos, softwares, sites e meios de comunicação (como a televisão, o cinema, os computadores e a Internet). Assim, em seus diversos formatos, a cartilha deve ser compreendida como um produto de caráter instrucional que contribui positivamente na aprendizagem.

Por meio do avanço das tecnologias, a produção de novos recursos foi facilitada, podendo ser personalizados e produzidos sem o domínio das editoras. Nesta direção, foi que tivemos a possibilidade de confeccionar uma cartilha que tem como público alvo os turistas, visitantes e moradores da cidade de Bananeiras.

¹⁴ Consulte o artigo “Discutindo a valorização da prática de Educação Patrimonial e de Turismo Pedagógico em Bananeiras”, de autoria de “Rita Cristiana Barbosa e Ingridy Sualane do Amaral”, disponível na Coletânea Retalhos de Experiências: Diferentes Lugares e Olhares em Pesquisa Educacional. Confira em: <http://www.editora.ufpb.br/sistema/press5/index.php/UFPB/catalog/download/572/963/8734-1?inline=1>.

Seu conteúdo advém dos trabalhos de pesquisa realizados pelo grupo História da Educação do Brejo Paraibano – HEBP, que em um de seus projetos, fomentado pelo Programa Responsabilidade Social¹⁵ (2020), discutiu “Lugares de Memória e História de Solânea e Bananeiras”. Nessa experiência, produzimos¹⁶ o *Inventário Pedagógico de Bananeiras (2020)*¹⁷, cujo material se constitui de memórias catalográficas que são realizadas a partir de dados históricos, leis e decretos, fontes bibliográficas e orais, memórias definidas com uma escrita que reúne importantes relatos sobre os lugares da cidade. O inventário traz o propósito de ser um meio de consulta para estudantes e para a comunidade em geral.

Nossa cartilha, por sua vez, está direcionada aos turistas e moradores de faixas etárias diversas. A escolha do formato cartilha, como já mencionamos, deu-se pela facilidade técnica, uma vez que ela pôde ser confeccionada por meio de aplicativos digitais gratuitos, e ser acessada por endereços eletrônicos ou QR code. A linguagem simples e de fácil compreensão foi a nossa meta, também pensando em sua utilização em ambientes escolares.

Os conteúdos propostos circundam a história do patrimônio arquitetônico do município, debatido por meio de suas memórias catalográficas. A produção do roteiro turístico nela estabelecido partiu de visitas realizadas na Casa do Turista, onde tivemos acesso a “dicas” de que locais poderíamos visitar em Bananeiras, essas que - em sua grande maioria (excetuando-se o cemitério) - foram consideradas para a formulação do roteiro turístico que apresentamos na cartilha.

O formato digital que ela possui sugere que sua divulgação seja mais ampla, podendo ser uma publicação disposta para acesso e download em qualquer site representativo da cidade, além de sua entrega impressa quando disponível pela Secretária de Turismo de Bananeiras. A Cartilha "Montando seu Roteiro de Visitação" (2022) tem como capa a imagem da cidade, que contempla a vista da Igreja Matriz de Nossa Senhorado Livramento, um dos patrimônios arquitetônicos mais antigos de Bananeiras, datado de 1861.

¹⁵ O Programa Responsabilidade Social é específico do CCHSA/UFPB, e tem por objetivo a seleção de projetos de pesquisa, ensino ou extensão voltados às ações de responsabilidade social em atendimento a legislação pertinente às políticas e iniciativas que contribuam com a melhoria da qualidade de vida e com o uso racional de recursos naturais.

¹⁶ A equipe estava composta pelas discentes do curso de Pedagogia Amanda Tavares, Aline Ferreira da Silva, Sabrina Castro de Almeida e Emanuela Rocha da Silva Arcanjo, orientada pela profa. Vivian Galdino.

¹⁷ Inventário Pedagógico, disponível no Repositório HEB no seguinte endereço: <https://online.pubhtml5.com/vced/zrih/#p=1>.

Figura 1: Imagem da capa da cartilha



Figura 2: Apresentação



Fonte: Produção da Autora (2022)

Ao longo de suas 40 (quarenta) páginas, ela se estrutura nos seguintes tópicos: **1. Apresentação** (onde apresentamos o município de Bananeiras); **2. Sumário** (tópicos como lugares e espaços apresentados); **3. Mapa de visitação** (espaço onde assinalamos a localização geográfica para as memórias edificadas); **4. Espaços para visitação:** Contextualizado em sua localização, história e imagens o roteiro presente na cartilha; **5. Orientações sobre o trabalho:** Onde contamos para o leitor o objetivo da cartilha; **6. Ficha Técnica** (Indica os dados técnicos de produção da cartilha).

Figura 3 e 4: Lugares de Visitação



Fonte: Produção da Autora (2022)

No tópico “Espaço para visitação”, a cartilha contempla dezesseis patrimônios da cidade, como: Complexo da Viração (Túnel da Viração, Hotel Estação Ferroviária, Museu Simeão Cananeia), Praça Epitácio Pessoa, Cine Excelsior, Correios e Telégrafos, Colégio Sagrado Coração de Jesus (atual Escola Municipal de Ensino Fundamental Prof.Emília de Oliveira Neves), Hotel Serra Golfe, Igreja Nossa Senhora do Livramento, Casarão das Meninas (atual

Divino Casarão), Cemitério Municipal, Engenho Goiãmunduba, Cruzeiro de Roma, Cachoeira do Roncador, Universidade Federal da Paraíba- Campus III e a Gruta Antônia Luzia. Tais espaços tiveram suas memórias apresentadas de forma mais objetiva, priorizando o acesso aos principais pontos que deveriam ser apreendidos pelo leitor. Neste artigo, fazemos um breve passeio abaixo sobre as histórias que abrigam esses pontos turísticos.

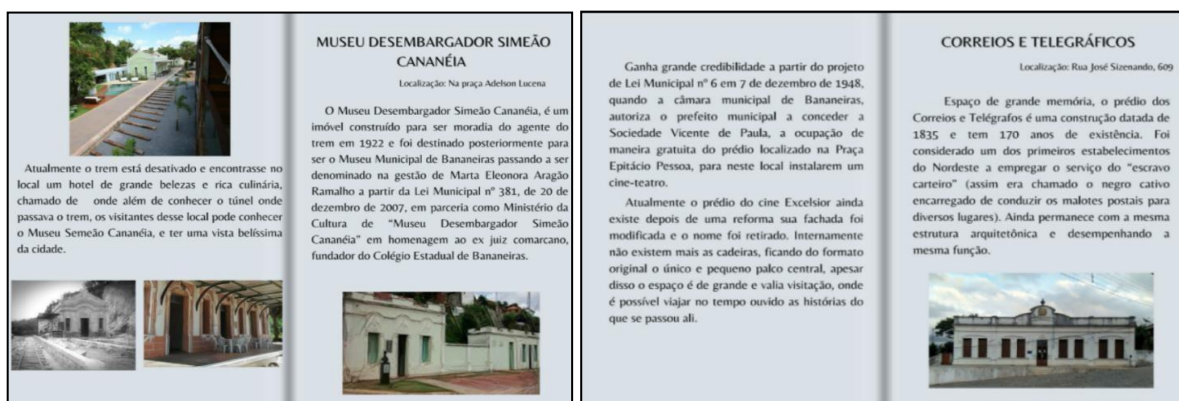
O **Complexo da Viração** contempla os espaços do Túnel da Viração (construído sob a Serra da Viração no ano de 1918, como passagem principal do trem, que chegaria em Bananeiras em 22 de setembro de 1922), a Estação Ferroviária (atual Pousada da Estação) e o Museu Simeão Cananeia (um imóvel construído para ser moradia do agente do trem em 1922, que este ano comemora seu centenário de construção. O Museu possui um pequeno acervo exposto, fruto de doações dos moradores, que contempla as coleções de porcelana, móveis de época, artesanatos, peças de uso doméstico, documentos históricos, estátuas religiosas, bustos, quadros, pilões de madeira, máquinas de época, lamparinas, entre outros objetos).

A **Praça Epitácio Pessoa**, construída na parte central da cidade, é ponto dos principais eventos do passado até os dias atuais. Teve sua inauguração em 7 de setembro de 1922, quando se comemorava o centenário da Independência do Brasil. Construída às margens do Canal do riacho de Bananeiras, no local da praça existia uma lagoa, cheia de pacoveiras, tipo de bananeira que deu origem ao nome da cidade.

O **Cine Excelsior**, também contemplado em nossa cartilha, fica localizado em frente a praça central de Bananeiras. Ganhou credibilidade a partir do projeto de Lei Municipal Nº 6, datado de 7 de dezembro de 1948, que o concede a Sociedade Vicente de Paula, esta que instalou no local um cineteatro. Atualmente, o prédio do cine Excelsior ainda existe, mas carece de inúmeros reparos, sendo impossibilitado de visitação.

Os **Correios e Telégrafos** é uma construção datada de 1835, tendo 170 anos de existência. Foi considerado um dos primeiros estabelecimentos do Nordeste a empregar o serviço do “escravo carteiro” (assim era chamado o negro cativo encarregado de conduzir os malotes postais para diversos lugares). Ainda permanece com a mesma estrutura arquitetônica e desempenhando a mesma função.

Figura 5 e 6: Lugares de Visitação



Fonte: Produção da Autora (2022).

Já o **Colégio Sagrado Coração de Jesus**, depois noemado de Escola Municipal de Ensino Fundamental "Prof. Emília de Oliveira Neves" sempre atuou com a finalidade educativa, surgindo a partir da iniciativa das famílias mais abastadas da cidade de Bananeiras, na época representadas pelos "Rocha, Coutinho, Anísio Maia e Bezerra Cavalcanti". A escola surgiu no ano de 1918, a partir das ordens das Irmãs Dorotéias, com a função de formar professoras normalistas. Como Emília de Oliveira Neves ele surgiu na década de 1980, logo após ter sido intitulado como Centro Integrado de Educação. Com o falecimento de uma professora natural de Caiçara em 26 de maio de 1983, chamada Emília de Oliveira Neves, bastante conhecida na cidade de Bananeiras, o então prefeito José Francisco de Almeida (1977-1983), fez uma homenagem póstuma, nomeando-a de Escola Municipal de Ensino Fundamental "Prof.^a Emília de Oliveira Neves".

Atualmente o prédio se encontra com placa de venda, não ali presente mais o funcionamento da instituição educacional que foi transferida para outro estabelecimento.

Como um clássico do turismo bananeirense está o **Hotel Serra Golfe**, um casarão secular que pertenceu a elite bananeirense da família Medeiros, que gozava de muito prestígio na sociedade local. Datado do início do século XX, ele representa o poder do ciclo do café que se viveu na cidade. Clássica e empoderada também é a edificação da **Igreja Nossa Senhora do Livramento**, datada do ano de 1861. Fruto de um pedido realizado a nossa senhora do Livramento por Gregório de Matos, sob a urgência de não ser devorado por índio tapuias, a primeira igreja foi edificada no terreno que viria a se tornar Bananeiras. Com o passar do tempo o primeiro prédio desmoronou, foi quando omissãoário Hermenegildo Herculano Vieira da Cruz financiou a atual edificação, marcocentral dos lugares visitados na cidade.

Próximo a Matriz, fica localizado o Casarão ou **Sobrado das Meninas**, um complexo

arquitetônico remanescente também do período de glória do café em Bananeiras. Hoje no prédio funciona como um, o Divino Casarão, resguardando os seus mesmos traços originais. Já de um modo nada convencional ao turismo, o **Cemitério Municipal** se apresenta como um lugar em potencial para o turismo pedagógico e histórico da cidade. Localizado no Conjunto Major Augusto Bezerra, sua construção está datada do início no século XX, sendo o túmulo mais antigo do ano de 1903. No cemitério, há a Capela do Divino Espírito Santo, possivelmente datada do ano de 1837. O “necroturismo” tem sido uma atividade bastante desenvolvida em São Paulo, por meio do **Cemitério da Consolação** (1858), Belo Horizonte através do **Cemitério do Bonfim** (1897) e Maranhão, **Cemitério do Gavião** (1908).

O Cruzeiro Jesus, Maria e José, conhecido como **Cruzeiro de Roma**, é parte integrante do turismo religioso paraibano, pautado no Caminhos de Padre Ibiapina¹⁸. Construído em 1899 e inaugurado em 1901, pelo proprietário rural de Lagoa de Matias -João Rodrigues Neves, o cruzeiro é fruto de uma promessa concedida por Padre Cicero. Nele, os lugares de visita são encontrados são a capela da Sagrada Família (datada de 1907) e a porta Santa (construída no ano de 2000).

Figura 7 e 8: Lugares de Visitação



Fonte: Produção da Autora (2022)

Nesta mesma direção está o caminho dos engenhos¹⁹, inserido no ecoturismo paraibano,

¹⁸ Esta rota contempla os municípios de Guarabira, Bananeiras, Solânea, Pilõeszinho, Pilões, Serraria, Cuitégi, Alagoinhas, Alagoa Grande, Areia e Pirpirituba. “Caminhos do Padre Ibiapina foi concebido a partir do potencial da romaria que já ocorre no dia 19 de fevereiro, data em que se comemora o aniversário de morte do Padre Ibiapina”. Disponível em: <https://www.paraibacriativa.com.br/artista/caminhos-do-padre-ibiapina/>. Acesso em 23 de maio de 2022.

¹⁹ A rota dos engenhos contempla os municípios de Alagoa Grande, Alagoa Nova, Areia, Bananeiras, Borborema, Pilões, Matinhas e Serraria. “É um roteiro para quem deseja conhecer os principais engenhos do Brejo elaborado com a parceria entre SEBRAE, PBTUR, prefeituras e donos dos engenhos”. Disponível em: <https://www.paraibacriativa.com.br/artista/caminhos-dos-engenhos/>. Acesso em 23 de maio de 2022.

em que se destaca o **Engenho Goiamunduba**, conhecido como o Engenho daCachaça Rainha. Traço histórico do ciclo econômico do açúcar na cidade, o engenho apresenta as etapas do processo de confecção da cachaça, desde o arado até o armazenamento do líquido. Fazem parte de seus atrativos as máquinas de fabricação, como a moenda original do engenho, advinda da Alemanha no ano de 1877.

Ainda na rota de um turismo ecológico, a **Cachoeira do Roncador** fica localizadaentre os municípios de Bananeiras, Borborema e Pirpirituba, área de proteção ambiental (APA) instituída pelo Governo do Estado em 2006²⁰. Carregada por um grande lençol d'água advindo do rio Bananeiras, essas águas nascem na mata da **Universidade Federalda Paraíba (Campus III)**. Esta universidade também se faz presente no roteiro turístico da cartilha, pois se destaca na história educacional na cidade, inclusive a partir da criação do Patronato Agrícola Vidal de Negreiros, em 1924. Ainda neste espaço é possível encontrar o Memorial do CAVN, considerado um segundo museu para a cidade.

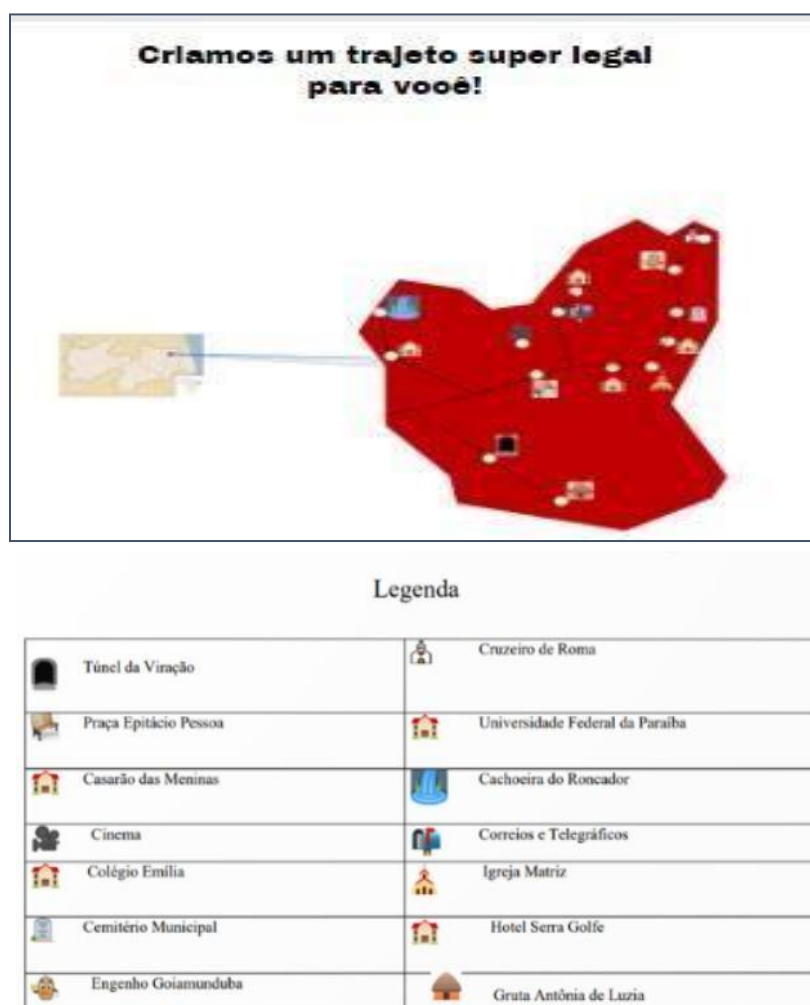
Para finalizar os espaços trazemos a **Gruta Antônia Luzia** localizada na Zona Rural de Bananeiras – PB. Nela surgiu uma manifestação da tradição popular, a Dança Lesou²¹, cuja origem é creditada aos antigos moradores que habitavam a zona rural de Bananeiras, mais precisamente o Sítio Porteiras. Vivenciada em períodos festivos, especialmente os juninos, o lesou é uma dança para os gêneros e idades, reunindo sujeitos que em roda sapateiam enquanto cantam. As músicas são próprias e foram mapeadas em Bananeiras num número total de 19 (dezenove) produções, que exaltam a agricultura, as flores, as crenças e os costumes da cidade.

Todos esses espaços aqui apresentados podem ser visitados no tópico “Mapa de visitação” da cartilha, onde sugerimos um itinerário de caminhos que guiam os turistas para os lugares mais próximos, como apontamos a seguir:

Figura 9 e 10: Mapa de Visitação e Legenda

²⁰ Decreto Estadual Nº 27.204, de 06 de junho de 2006.

²¹ Conheça mais sobre o Lesou no seguinte endereço eletrônico: <https://online.pubhtml5.com/gdzz/zeee/#p=1>



Fonte: Produção da Autora (2022)

A seleção por esses lugares se deu, em sua grande maioria, por já serem apontados em folders (como os de propagandas de restaurantes disponíveis na Casa do Turista) e sites de viagem, como pontos turísticos em Bananeiras. Outros, por sua vez, foram eleitos pela função social e histórica, como foi o caso do Cemitério Municipal, um lugar nada provável para visita turística, mas propício pedagogicamente para a discussão e o conhecimento da sua história local.

Ao encerrar este artigo, pontuamos que, a partir do turismo, é possível estimular a sensação da imaginação e da consciência pela preservação de espaços que promovem memória e identidade, conduzindo os visitantes a viajar pela história local em seus cenários reais, arquitetura e traços culturais. Nesse passeio, o sujeito se sente parte da história da cidade, compartilhando suas memórias. Por meio do “turismo pedagógico”, estratégias de apropriação e experimentação poderão ser estimuladas, conduzindo o visitante a conhecer e experimentar, dentro de um viés sustentável. A Cartilha seria, com isso, mais um meio de

potencializar pedagogicamente o patrimônio histórico e ambiental que compõe Bananeiras, empoderando seu turismo e sua comunidade local ao divulgar os pontos turísticos da cidade e colaborar com sua preservação, configurando assim no que chamamos de “turismo pedagógico”.

5 Considerações Finais

Foi por meio das experiências vivenciadas nos projetos de extensão e pesquisa desenvolvidos no âmbito da Educação Patrimonial, pelo Grupo de Pesquisa História do Brejo Paraibano – HEBP, que o conteúdo da cartilha produzida foi pensado. Para esse artigo, trabalhamos com a confecção e apresentação de uma Cartilha Pedagógica, a ser disponibilizada para a Casa do Turista de Bananeiras, como produto de nosso trabalho de conclusão de curso. Esse material didático reúne informações sobre os lugares históricos de Bananeiras, apresentando-os ao público leitor. A ausência de um material como este na Casa do Turista configura a contribuição que resulta esse trabalho.

Algumas sinalizações se fazem necessárias: a cartilha ainda não foi divulgada para a comunidade local, carecendo de correções ortográficas que se enquadrem às normas editoriais de publicação. Sua produção objetivou o apontamento de uma rota para o turismo de Bananeiras, não se dedicando a analisar a experiência de sua apropriação por parte de público alvo, recorte este que abriria para pesquisas futuras.

A produção de materiais educativos como o que produzimos, dentro dos princípios metodológicos da Educação Patrimonial, configura-se como ferramentas a serem utilizadas em espaços escolares e não escolares, uma vez que discutem a história, a memória e a cultura de um lugar que, como Bananeiras, precisa ser conhecido e preservado.

Referências

ALVES, Marcia Maria. Design de animações educacionais: Recomendações de conteúdo, apresentação gráfica e motivação para aprendizagem. 2012. 240 f. **Dissertação** (Mestrado). Curso de Programa de Pós-graduação em Design, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

AMARAL, Ingridy Sualane. **Discutindo a valorização das práticas de Educação Patrimonial e turismo pedagógico em Bananeiras**. IN BARBOSA, Rita Cristiana (Org). Retalhos de Experiências: Diferentes Lugares e olhares em Pesquisa Educacional. Editora UFPB, João Pessoa, 2020. (p.101-123)

ANSARAH, Marília Gomes dos Reis. **Turismo**: como aprender, como ensinar. São

Paulo:SENAC, 2001.

ARÉVALO, Marcia Conceição da Massena. **Lugares de memória ou a prática de preservar o invisível traves do concreto.** Universidade Federal de Ouro Preto.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF: Senado Federal:Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. **Educação Patrimonial: inventários participativos:** manual de aplicação / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; texto, Sônia Regina Rampim Florêncio (et al). –Brasília-DF, 2016

CARVALHO, Andrea Simone Silva Ferreira, **A Casa do Patrimônio da Paraíba:** experiências práticas educativas em patrimônio cultural. Caravana 25 anos da ANPUH, Pernambuco, 2015.

CERQUEIRA, Fábio Vergara. Patrimônio Cultural, Escola, Cidadania e Desenvolvimento Sustentável. **Diálogos**, DHI/PPH/UEM, v. 9, n. 1, p. 91-109, 2005.

FREINET, Célestin. **A pedagogia do bom senso.** 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

GOMES, Daiana Silva, MOTA, Karol Monteiro, e PERINOTTO, André Riani Costa, **Turismopedagógico como ferramenta de educação patrimonial:** a visão dos professores de História em um Colégio Estadual de Parnaíba (Piauí, Brasil). Curitiba, 2012.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia básico de Educação Patrimonial.** Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 1999.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Cartilha de alfabetização e cultura escolar:** um pacto secular. Cadernos Cedes, ano XX, Nº52, novembro/2000. (p.41-53).

NOVA ESCOLA. Célestin Freinet: o mestre do trabalho e do bom senso. **Revista Nova Escola.** Edição Especial Grandes Pensadores. São Paulo, p. 86-88, jul. 2008.

SPAOLONSE, E.; Martins, S.S.O. Ecoturismo: uma ponte para o turismo sustentável. **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v.9, n.6, nov-2016/jan-2017, pp.684-698.

Legislações

Decreto de Lei Nº 31.842 de 03 de dezembro de 2010. Disponível no repositório digital HEB <http://online.pubhtml5.com/vced/rzoz/>. Acesso: 25 de março de 2022.

Lei Estadual Nº 11.578 de 10 de dezembro de 2019. Disponível em: http://sapl.al.pb.leg.br/sapl/sapl_documentos/norma_juridica/13512_texto_integral. Acesso: 01 de abril de 2022.

Lei Estadual Nº 12.082 de 5 de outubro de 2021. Disponível em: http://sapl.al.pb.leg.br/sapl/sapl_documentos/norma_juridica/14230_texto_integral. Acesso: 01 de abril de 2022.

Lei Municipal Nº 771 de 02 de outubro de 2017. Disponível em: <http://plone.ufpb.br/heb/contents/arquivos/lei-771-2017/view>. Acesso: 01 de abril de 2022.

Lei Nº 152 de 26 de março de 1999. Disponível em: <http://www.cchsa.ufpb.br/heb/contents/arquivos/lei-152-1999>. Acesso: 08 de abril de 2022.